

ÉTICA E TRANSMANISMO

Raphael Rocha de Moraes

João Eduardo Navachi da Silveira

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo

Resumo

A partir de deliberações éticas e críticas, o projeto objetiva averiguar as propostas levantadas pelo transumanismo, movimento que visa aprimorar o corpo humano por meio da tecnologia, rompendo com as condições impostas, primordialmente, pela natureza. Julian Huxley (1887 – 1975), fundador do movimento transumanista, sugere em seu manifesto uma quebra com as concepções antropocêntricas modernas que concebiam a racionalidade humana como o agente que tornaria a espécie humana superior às demais e, portanto, conferiria aos humanos mais direitos. Huxley compreende a razão não como um componente que tornaria os humanos melhores, mas que nos tornaria mais responsáveis. À vista disso, o transumanismo pressupõe que temos o dever moral de melhorar as condições de vida de todas as espécies por meio da tecnologia, superando limitações como a própria mortalidade. Contudo, ao analisar essas propostas através de um viés ético, emergem questões como: “será que a implementação dessas tecnologias não encaminharia a humanidade rumo à uma utopia, ou pior, à uma distopia?”. Deste modo, filosofias como a de Hans Jonas, que propõem uma filosofia da tecnologia a fim de acompanhar o desenvolvimento tecnológico e diagnosticar as futuras consequências das ações humanas ainda no presente, se mostram como uma grande ferramenta à medida em que fornecem uma sólida base teórica para averiguar, prudencialmente, as propostas transumanistas. Retomando, ainda, o pensamento de Aristóteles, depreende-se que a Prudência (*phronêsis*) é um elemento central na busca pela solução ética, uma vez que ela possibilita que visualizemos a situação mais justa e equilibrada que, em última instância, vise o Bem-comum. A partir desses registros, pode-se concluir que a tecnologia – e, portanto, o próprio transumanismo – não deve ser tida como vilã nem como heroína, mas como uma

ferramenta que, de modo conjunto com a ética, deve tornar as condições de vida igualmente favoráveis a todos.

Palavras-chave: ciência. tecnologia. humanidade. valores. progresso.

1. Introdução

O transumanismo – movimento intelectual que teve início em meados do século XX, quando o biólogo Julian Huxley publicou o manifesto transumanista (DODSWORTH, 2020) – tem como pretensão se valer do progresso tecnológico e científico como meio de aprimorar – ou substituir – o organismo humano, superando o que os transumanistas visualizam como “defeitos” inerentes à condição “meramente” natural do corpo. Rompendo com a noção antropocêntrica vigente durante a Modernidade, o movimento transumanista tem como aspecto fulcral de seus levantamentos a noção de que a racionalidade humana – bem como a potencialidade decorrente desta – não torna a humanidade superior às demais espécies, mas confere aos seres humanos deveres e responsabilidades. À vista disso, o transumanismo subentende que superar as fragilidades e limitações impostas pela natureza é o dever moral da humanidade. Deste modo, a evolução das espécies não só poderia ocorrer de modo tecnológico, como este seria o caminho ideal. Em suma, o transumanismo objetiva reduzir ou eliminar o sofrimento existente, bem como potencializar a capacidade do organismo humano, conferindo à espécie uma mente e um corpo melhor e, talvez, até mesmo imortal (HUMANITY+, c2016-2020).

A partir dessas propostas, surgem diversos dilemas éticos: seria, de fato, ético utilizar a tecnologia para operar essas mudanças? O que visualizamos como “melhor” realmente corresponde à situação mais benéfica para todos? A aplicação dessas tecnologias não iria corroborar para a acentuação de desigualdades sociais, ou ainda, criar novas? Quem poderá ter acesso à essas tecnologias? Não estaríamos deixando de ser humanos ao modificar nosso organismo de tal forma? Será que devemos realmente ter controle sobre nossas emoções? (JELSON, 2020). Todas essas indagações refletem, consequentemente, a necessidade de operar deliberações éticas acerca dos

rumos da humanidade, sobretudo quando o progresso técnico-científico cresce de modo exponencial, afetando imensamente a vida de todos os indivíduos.

2. Materiais e Métodos

Métodos: Exegese textual, caracterizada pela leitura seguida de fichamentos e relatórios. Além disso, foram realizados encontros semanais entre o coordenador do projeto e o estudante bolsista. Por fim, também houveram conferências e reuniões virtuais por meio da plataforma RNP, buscando desenvolver uma reflexão conjunta acerca dos conceitos, problemas e ideias dos autores abordados pelo projeto, bem como orientações para o desenvolvimento de produções escritas.

Materiais: Foram utilizados livros e artigos, ambos tanto impressos como também digitais – em formato PDF.

3. Resultados e Discussão

Define-se transumanismo como um movimento intelectual, cultural, ideológico e político que tenciona melhorar e aprimorar o organismo humano por meio dos frutos do progresso científico e tecnológico, rompendo com as limitações inerentes à natureza. A proposta consiste em se valer da racionalidade humana a fim de promover uma potencialização evolutiva da espécie, minimizando – ou erradicando – a probabilidade da contração e/ou desenvolvimento de doenças, superando a fragilidade do corpo, fortificando e intensificado a capacidade da mente, e, em última instância, maximizando o tempo de vida, alcançando, inclusive, a imortalidade. De acordo com as teses transumanistas, a evolução sustentada pelo progresso tecnológico e científico não só seria exequível, como seria o dever moral da humanidade, uma vez que esta corresponde à única espécie racional existente no planeta.

O movimento teve início em meados do século XX, com a publicação do manifesto transumanista por parte do biólogo e primeiro diretor da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), Julian

Huxley¹ (DODSWORTH, 2020). O autor, em seu texto, propõe uma quebra com as noções antropológicas vigentes até então. A racionalidade humana era compreendida como o agente que eleva a humanidade, deslocando o posto de igualdade entre espécies para a percepção heterogênea que sustenta a diferenciação entre o humano e as outras criaturas e, portanto, a razão, fatalmente tornaria a humanidade superior às demais espécies. Huxley, no entanto, apresenta uma concepção distinta de racionalidade, entendendo-a – diferentemente da habitual concepção antropocêntrica – como sendo o agente responsável por conferir ao humano deveres e responsabilidades distintos das outras espécies. Em outras palavras, ser racional não implicaria em superioridade, mas em responsabilidade. À vista disso, o humano, uma vez dotado de racionalidade, deveria utilizá-la para – além de conservar – aprimorar as condições de existência de todos os seres vivos presentes no planeta, eliminando todo, ou parcialmente, o sofrimento existente. Deste modo, o progresso técnico-científico aplicar-se-ia a fim de ultrapassar as barreiras impostas, a priori, pela natureza, como a fragilidade do organismo, por exemplo.

Contudo, as ideias expostas por Huxley logo passaram convulsionar a esfera intelectual da época, que diagnosticou uma série de dilemas éticos emergentes das propostas transumanistas recém desenvolvidas. A Segunda Guerra, efetivada por um amplo aparato tecnológico e bélico, havia exposto à humanidade os “efeitos colaterais” do progresso técnico-científico. A noção de progresso, concebida pela modernidade como uma espécie de ideal a ser alcançado a qualquer custo, passou a ser problematizada, enquanto um elemento que poderia encaminhar a humanidade rumo à uma utopia, ou ainda, uma distopia. Deste modo, grande parcela dos intelectuais que se reuniram em torno das questões referentes ao avanço tecnológico – e, consequentemente, ao transumanismo – detectaram que a noção de progresso sempre rumara à frente dos dilemas éticos, isto é, a técnica e ciência avançam, mas deixam a ética para trás, visualizando-a como um empecilho para o desenvolvimento da humanidade. A partir disso, o pensamento filosófico, comumente concebido

¹ Julian Sorell Huxley nasceu em 1887 em Londres, Inglaterra. Foi um relevante biólogo, filósofo, escritor e humanista. Ficou conhecido, sobretudo, pelas suas grandes contribuições no que se refere à popularização da ciência, por meio de livros e conferências. Além disso, Huxley foi nomeado o primeiro diretor-geral da UNESCO, bem como Cavaleiro da Coroa Britânica em 1958. Em 1975, Huxley faleceu.

como uma espécie de “pensar no que ocorreu”, torna-se um “pensar no que há de ocorrer”, uma vez que os avanços relativos à técnica e à ciência se intensificaram de uma forma que, até então, nunca acontecera.

Atualmente, o embate de interpretações acerca das implicações do transumanismo para o futuro da humanidade ainda se faz intenso, ainda mais do que em relação ao século passado, dado que a ciência e a tecnologia avançaram imensamente nesse intervalo de tempo. A partir da noção de que a humanidade – e as outras criaturas – não alcançaram seu potencial máximo – estado que só poderia ser alcançado por meio da ciência –, os transumanistas defendem que devemos “ampliar o potencial humano ao superar o envelhecimento, deficiências cognitivas, sofrimento involuntário e nosso confinamento no planeta Terra.” (HUMANITY+, c2016-2020)¹, afirmando que “defendemos o bem-estar de toda senciência, incluindo seres humanos, animais não humanos e quaisquer futuros intelectos artificiais, formas de vida modificadas ou outras inteligências às quais o avanço científico possa dar origem.” (HUMANITY+, c2016-2020). Contudo, de acordo com a Professora Luisa Zaterka (BRITO, C., 2019), o transumanismo traz consigo o ambiente favorável à acentuação de desigualdades sociais e que, nesse caso, estariam presentes de modo intrínseco ao próprio corpo do indivíduo. Uma vez que a sociedade se faz extremamente desigual, pressupõe-se que só terão acesso às essas tecnologias quem possuir poder aquisitivo para o fazer, quem não o tiver, carregará em seu código genético as marcas do desnivelamento social.

Um dos aspectos fulcrais das teses transumanistas é a busca pelo melhoramento das espécies. No entanto, não devemos esquecer de que a noção de melhor não se trata de um conceito e/ou consenso universal. O que definimos como melhor é, em alguma medida, fruto e reflexo de inúmeras influências sociais, as quais o indivíduo está sujeito desde o momento em que nasce, bem como o resultado da percepção meramente humana da realidade. Aplicar a

¹ “A Declaração Transhumanista foi originalmente elaborada em 1998 por um grupo internacional de autores: Doug Baily, Anders Sandberg, Gustavo Alves, Max More, Holger Wagner, Natasha Vita-More, Eugene Leidl, Bernie Staring, David Pearce, Bill Fantegrossi, den Otter, Ralf Fletcher, Tom Morrow, Alexander Chislenko, Lee Daniel Crocker, Darren Reynolds, Keith Elis, Thom Quinn, Mikhail Sverdlov, Arjen Kamphuis, Shane Spaulding e Nick Bostrom. Esta Declaração Transhumanista foi modificada ao longo dos anos por vários autores e organizações. Foi adotado pelo Humanity + Board em março de 2009. ” (HUMANITY+, c2016-2020)

tecnologia de modo exacerbado e sem controle ético é, por demais, equivocado, uma vez que sequer sabemos se, de fato, o que visualizamos como melhor trata-se, realmente, da situação mais benéfica, ou, minimamente, menos maléfica. A partir do momento em que características genéticas forem, facilmente, manipuladas antes mesmo do nascimento do indivíduo, é, ao menos, razoável pressupor que, dentro de alguns anos, mais de dois terços da população será composta por pessoas brancas, de olhos azuis e cabelos loiros. De acordo com Marcy Darnovsky (ROSA, G., 2016, p.1), “se essas modificações forem aprovadas, é possível – e até provável – que a dinâmica social e comercial leve a esforços para produzir seres humanos ‘melhorados’. Isso está bem próximo da definição clássica de eugenia. Nós podemos nos ver em um mundo onde tipos inteiramente novos de desigualdade serão trazidos à existência. “

Além da questão eugênica presente nos levantamentos transumanistas, nota-se que um de seus principais pressupostos é a retomada clássica do pensamento moderno que forja a imagem de uma natureza rival do homem e, portanto, atribui a noção de que o próprio humano não a compõe e, tampouco, é composto por ela. Deste modo, as propostas transumanistas parecem tentar dissociar o humano da ideia de natural, desintegrando-os. O transumanismo subentende que a natureza é incompleta, e, por conseguinte, falha. Nesse sentido, caberia ao humano salvar-nos de nós mesmos, livrando as criaturas vivas de sua má condição outorgada pela natureza. Contudo, o próprio humano não seria parte dessa natureza? Rivalizar com o natural não seria, em alguma medida, rivalizar com nós mesmos? É perceptível que o transumanismo, como apontado por Jelson (2020), busca curar a humanidade, não de alguma doença, mas do que ela é, ou seja, de sua própria ontologia supostamente “colapsada” e “limitada”. O que diagnosticamos, é, portanto, o resgate da tese baconiana que afirma que a natureza deve ser superada a partir da inteligência humana, porém, com um diferencial: o pensamento moderno buscava posicionar a natureza em função da vontade humana, o transumanismo, no entanto, parece querer livrar-se dessa mesma natureza, engendrando uma nova – mais completa e aprimorada – através da ciência.

Tendo isso em vista, é importante destacar o quanto essas questões estão presentes nos mais variados âmbitos da tecnologia, não se restringindo, portanto, ao transumanismo. A busca humana pela expansão da consciência e

da memória, bem como o controle da razão em relação às emoções, são movimentos expressos não pela só tentativa de ampliar o próprio organismo humano, como também no desenvolvimento de tecnologias externas ao corpo, mas que reproduzam a almejada superinteligência. Em alguma medida, a busca desenfreada pelo desenvolvimento puramente racional e técnico é expresso tanto pelas teses transumanistas, como também pela busca excessiva e indeliberada pela Inteligência Artificial perfeita, com o diferencial que nesta a superinteligência seria exterior ao humano. Entretanto, decerto que o desenvolvimento de uma Inteligência Artificial altamente capaz de processar e interpretar informações, produzindo, a partir disso, significativos resultados, é um progresso notável e que não deve ser, de modo algum anulado, tal como o aprimoramento do próprio organismo humano. É à vista dessas noções que a busca pela medida ética e mais equilibrada se faz extremamente complexa, caracterizada, deste modo, pela constante tensão e embate de ideias.

Portanto, simplesmente aniquilar as teses transumanistas ou o desenvolvimento de Inteligências Artificiais, decerto não é uma atitude razoável, como também possível. A ética, como proposto por Hans Jonas, deve decolar antes que seja tarde demais, ou seja, contribuindo para a realização de um diagnóstico o mais preciso possível para permitir que imponhamos “freios voluntários”, imaginando os efeitos ainda distantes da tecnologia a fim de instruir-se e prevenir-se das consequências das ações humanas ainda no momento presente (JELSON, 2020). Deste modo, a reflexão filosófica em torno da ética e, portanto, sua concepção, se afastam da percepção hegeliana que afirma que a filosofia, tal como o voo da Minerva, tarda a chegar:

Para dizermos algo mais sobre a pretensão de se ensinar como deve ser o mundo, acrescentaremos que a filosofia chega sempre muito tarde. Como pensamento do mundo, só aparece quando a realidade efetuou e completou o processo da sua formação. O que o conceito ensina mostra-o a história com a mesma necessidade: é na maturidade dos seres que o ideal se ergue em face do real, e depois de ter apreendido, o mundo na sua substância reconstrói-o na forma de um império de ideias. Quando a filosofia chega com a sua luz crepuscular a um mundo já a anoitecer, é quando uma manifestação de vida está prestes a findar. Não vem a filosofia para a rejuvenescer, mas apenas reconhecê-la. Quando as sombras da noite começaram a cair é que levanta voo o pássaro de Minerva. (VITORINO, 1997, p.19)

A partir desses registros, a ética deve não só avaliar o passado como investigar em que direção o futuro aponta. Ora, devemos, sendo assim, não apenas deliberar a respeito de que em que medida aplicar a tecnologia é uma atitude ética ou não, como também deliberar acerca das implicações éticas de não se utilizar a tecnologia, uma vez que a humanidade tem potencial para o fazer.

Para ilustrar, suponhamos, por exemplo, que um médico tenha o conhecimento e os equipamentos necessários para operar a manipulação genética de um embrião que, nesse estágio, já se sabe que nascerá com uma doença que irá o afetar pelo resto de sua vida. Contudo, a operação, por meio de manipulação genética, permitirá que o embrião se desenvolva sem a doença. Nesse caso, nos parece óbvio que o ético é realizar a manipulação genética, a mesma que é defendida pelas teses transumanistas.

Nesse sentido, a tecnologia e o progresso não são vilões, mas ferramentas, as quais seus usos devem ser regulamentados por meio da ética, tal como apresentado por Jelson (2020, p. 76) ao citar Borgmann¹:

Nessa perspectiva, à filosofia da tecnologia deveria ser acrescentada uma ética, como seu complemento necessário, a fim de evitar as duas posições radicais (e, de alguma forma, ingênuas) com a qual a tecnologia é tratada, seja a tecnofilia, seja a tecnofobia, assumidas sucessivamente, nas palavras de Borgmann, como instrumentalismo e como determinismo: “O instrumentalismo supõe que estamos no completo controle da tecnologia. O determinismo afirma que não temos controle algum. O que precisamos é uma teoria da tecnologia que seja correta assim como reveladora, e que clarifique nossa implicação com a tecnologia.” Tal correção, portanto, exige uma posição intermediária, capaz de lidar com a ambiguidade desse fenômeno.

Deste modo, o ideal, visivelmente, não se trata de reprimir o progresso técnico-científico, mas orientá-lo através de deliberações, almejando, portanto, a alternativa equilibrada e alinhada à justa medida, afim de alcançar e promover o bem-comum, resgatando, em alguma medida, as noções propostas por Aristóteles (1973). À vista disso, o pensamento do autor dá luz ao conceito de Prudência (*phronêsis*), entendendo-a como agente regulador fundamental, uma vez que tem por função nortear as ações humanas conforme o caminho mais ético. Sendo assim, o indivíduo dotado de Prudência é capaz de deliberar,

¹ BORGSMANN, Albert. 2005. La tecnología y la búsqueda de la felicidad. **Revista CTS**, 2(5):81-93.

pensar, ponderar e examinar, a fim de agir de modo cauteloso e alinhado à justiça. Hans Jonas, em certo modo, retoma a noção de Prudência proposta por Aristóteles, mas deslocando-a para o contexto de desenvolvimento tecnológico – em especial, à biotecnologia –, porém, conservando a perspectiva que compreende a prudência como elemento fundamental para a execução de atitudes éticas e, portanto, conservadoras da própria existência humana:

Estando em jogo nem mais nem menos do que a própria natureza e imagem do homem, a prudência torna-se o nosso primeiro dever ético e a argumentação hipotética a nossa primeira responsabilidade. Atender às consequências antes de agir, é um ditame da mais elementar prudência. Neste caso, a sabedoria exige-nos ir mais longe e examinar os usos dos poderes mesmo antes de eles estarem prontos a ser usados. (JONAS, 1979, p.6)

À luz das concepções éticas levantadas, primordialmente, por Aristóteles em *Ética a Nicômaco* e, em seguida, reformuladas por Hans Jonas, depreende-se que a tecnologia, de modo geral – o que abrange, portanto, o desenvolvimento de Inteligências Artificiais e as propostas transumanistas –, não devem ser aplicadas com propósito de fugir do local e das condições nas quais a vida desenvolveu-se até então, mas, no limite, melhorá-las, tornando-as, por meio da ética (compreendida, conforme já evidenciado, como agente regulador das ações humanas) – e sustentada, sobretudo, pela Prudência –, favoráveis a todos à medida em que examina com cautela os rumos do desenvolvimento tecnológico, assimilando-o como, necessariamente, vinculado à dilemas éticos e valorativos

7. Considerações Finais

Incluam nesta seção, de forma direta, as conclusões finais da pesquisa, situação atual do projeto e próximos passos. Lembre-se que é fundamental revisar o conteúdo e a escrita do seu relatório, inclusive com a ajuda de professores. Garanta que seu texto está claro e alinhado com a escrita científica.

Referências

a. Livro

(1) ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross In: **Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1973.

b. Capítulo de Livro

(1) VITORINO, O. Prefácio. In: HEGEL, G. W. F. **Princípios da Filosofia do Direito**. Tradução de: Orlando Vitorino. Ed. 1. São Paulo: Martins Fontes, jun. 1997.

c. Artigo

(1) JONAS, H. Engenharia Biológica; uma antevisão em 1979. Tradução por Antônio Rodrigues. **Boletim Gepolis**. In McKNIGHT, Stephen A. (ed.), Science, Pseudo;Science, and Utopianism in Early Modern Thought, University of Missouri Press, Columbia, 1992, pp. 141-166

d. Artigo em Meio Eletrônico

(1) JELSON, R. Nihilismo e tecnologia. **Filosofia Unisinos – Unisinos Journal of Philosophy**, n.21, p.72-78, jan/apr 2020. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/filosofia/article/viewFile/fsu.2020.211.07/60747688>>. Acesso em: 06 de set. 2020.

e. Matéria de Jornal

(1) BRITO, C. Transhumanismo: como ciência e a tecnologia ajudarão na evolução humana. **Galileu**. São Paulo, 15 de ago. 2019. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Tecnologia/noticia/2019/08/transhumanismo-como-ciencia-e-tecnologia-ajudara-na-evolucao-humana.html>>. Acesso em: 06 de set. 2020.

(2) ROSA, Guilherme. Chegou a era dos transumanos. **Veja**. São Paulo, 06 de mai. 2016.. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/ciencia/chegou-a-era-dos-transumanos/>>. Acesso em: 06 de set. 2020.

f. Internet

(1) DODSWORTH, Alexey. **Transumanismo: uma visão otimista sobre o progresso?**. 2020. (5m54s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Yj0V3Jz6aJw&t=256s>>. Acesso em: 06 de set. 2020.

(2) HUMANITY+. **Transhumanist declaration**, c2016-2020. Página Inicial. Disponível em: <<https://humanityplus.org/philosophy/transhumanist-declaration/>>. Acesso em: 06 de set. 2020.